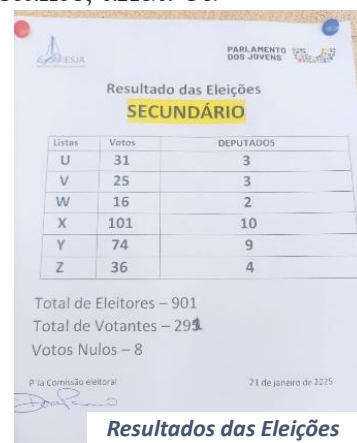


*30 anos da Voz que se Ouve, a Juventude que Participa*

Num tempo em que a política se vê, demasiadas vezes, como distante, árida ou irrelevante, o projeto do Parlamento dos Jovens 2024/25 “Novas tecnologias: oportunidades e desafios para os jovens”, obteve uma adesão de quase todos os cursos existentes na Escola Secundária Dr. José Afonso: Curso de Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Curso Profissional.

Constituíram-se 6 listas, as quais se empenharam em criar as medidas mais adequadas ao tema e às necessidades dos jovens. Nos 6 anos de participação no projeto no Ensino Secundário, continuamos a ter uma adesão que fica muito aquém do espetável nas eleições.

Os deputados eleitos para a Sessão Escolar, prepararam-se o melhor possível para o dia 23/01/25, data da sessão escolar.



Resultado das Eleições  
**SECUNDÁRIO**

Listas	Votos	DEPUTADOS
U	31	3
V	25	3
W	16	2
X	101	10
Y	74	9
Z	36	4

Total de Eleitores – 901  
Total de Votantes – 291  
Votos Nulos – 8  
Pela Comissão eleitoral  
21 de janeiro de 2025  
**Resultados das Eleições**



*Deputados eleitos à Sessão Escolar*



*Elementos da Mesa da Sessão Escolar*

Hoje, escrevo a reportagem desta edição 24/25, mas o meu percurso neste projeto teve início como cabeça da Lista Y, sendo, na sessão escolar, eleito deputado suplente à sessão distrital, acompanhado pelos deputados efetivos Joana Ferreira e Luciano Sonsinho. No final da sessão escolar, o projeto da Escola Secundária Dr. José Afonso, o meu entender, foi um projeto claramente democrático, onde a maioria estava representada.

A sessão escolar ainda implicou outro momento de sufrágio: a eleição do presidente da mesa. O nosso colega Afonso Ferreira, aluno do 12.º ano, que integra este projeto desde o Ensino Básico (tendo já representado a escola em várias sessões distritais e nacionais, sempre na qualidade de deputado) queria



*Afonso Ferreira – Sessão Distrital*

viver todas as experiências possíveis do projeto. Apresentou a sua candidatura e nenhum dos presentes desejou candidatar-se por consideramos que seria a pessoa indicada para representar a nossa escola. Não fomos só os colegas de

escola a ter esta perceção, porque o Afonso Ferreira foi eleito, pela maioria dos colegas do distrito, como presidente da Sessão distrital.

Importante referir que todos os deputados da nossa escola eram estreantes na sessão distrital, e existiam entre nós enormes expectativas e igual nervosismo, sentíamos o “peso” da responsabilidade: dar voz a todos os que nos tinham eleito. A Sessão distrital esteve dividida entre ideologias e diferentes pontos de vista, que marcaram um debate aceso entre jovens estudantes com vontade de se fazerem ouvir. Entre argumentos, altas vozes e palavras eloquentes, a votação ditou: passaram à sessão nacional a Escola Secundária de Alcochete, a Escola Secundária Dr. José Afonso e o Colégio *St. Peter's International School*, e a porta voz do círculo de Setúbal, eleita por uma maioria avassaladora, foi a nossa colega deputada Joana Ferreira.



*Deputados da Sessão Distrital*



*Círculo de Setúbal eleito e presidente da mesa distrital*

Chegados à Sessão Nacional, o meu papel alterou-se de deputado suplente para repórter, e a Escola Secundária Dr. José Afonso encontrava-se representada por 4 alunos: dois deputados - Joana Ferreira e Luciano Sonsinho; um repórter - Luís Redondo, o secretário da mesa - Afonso Ferreira.

A mudança de papel demonstrou a pluralidade que foi um dos pontos altos do evento: jovens de todos os distritos do país e círculos fora de Portugal, de diferentes contextos sociais, com formas diversas de ver o mundo, que se encontraram na Assembleia da República, a casa da democracia, que foi um palco comum onde a diferença foi combustível de crescimento. O confronto de ideias, longe de gerar divisão, foi espaço de maturação, diálogo e aprendizagem.

Num país onde os índices de abstenção eleitoral entre os mais jovens continuam elevados, o *Parlamento dos Jovens* surge como uma ferramenta pedagógica de primeira linha. Através dele, conceitos como “estado de direito”, “liberdade de expressão”, “compromisso partidário” ou “representação democrática” deixam de ser abstrações e passam a ser realidades vividas. Os deputados aprendem na prática o que significa construir uma proposta legislativa, defender uma posição em plenário ou negociar com outras bancadas.

Mais do que ensinar regras, este projeto ensina valores: escuta ativa, respeito pela divergência, argumentação fundamentada. Ao fazê-lo, combate de forma direta a crescente dissociação entre juventude e política — essa perigosa fenda por onde escapa o futuro da democracia.



*A democracia do presente e futuro*



*Presidente da Assembleia da República - José Pedro Aguiar-Branco*

Contou-se também com uma conferência de imprensa da jornalista Judith Menezes de Sousa, onde a mesma confrontou os jornalistas com as suas experiências na Assembleia da República e as suas coberturas políticas que integram a sua carreira. Entre tantas intervenções, a que mais faz sentido destacar é a que "puxou o tapete" a um jornalismo cada vez mais tendencioso e mal estruturado que se revela em Portugal.

Tivemos também o privilégio de entrevistar sua Excelência o Sr. Presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, que foi questionado acerca da imparcialidade, fundamental num parlamento cada vez mais dividido ideologicamente.



*Imagens retiradas da página do Parlamento*

Entre os muitos testemunhos que marcaram esta edição, destaco o da aluna Joana Ferreira, porta-voz do círculo eleitoral de Setúbal, que trouxe ao hemiciclo uma mensagem clara e emotiva sobre o significado profundo desta experiência: "Participar na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens foi muito mais do que representar a minha escola ou a minha região. Foi viver, de perto, aquilo que muitas vezes só vemos nos manuais ou nas notícias: o debate de ideias, a negociação, o confronto de opiniões... e sim, também alguns nervos. Senti que estava num espaço onde a voz dos jovens era realmente levada a sério. Estava rodeada de pessoas com histórias, sotaques e perspetivas diferentes, mas que mesmo assim partilhamos todos a mesma vontade de construir um país melhor.

Houve momentos intensos: discursos que me tocaram, votações renhidas, trocas de argumentos que me obrigaram a pensar duas vezes sobre as minhas próprias ideias. Mas também houve gargalhadas, amizades improváveis e aquela sensação boa de fazer parte de algo maior. Senti-me desafiada, inspirada e, acima de tudo, valorizada. Saí de lá com mais certezas sobre o que



*quero defender no futuro e com a confiança de que a minha voz — a nossa voz — pode mesmo fazer a diferença. Esta experiência ficou-me marcada no peito. E se pudesse, repetia tudo de novo (sim, até as madrugadas mal dormidas e os discursos escritos à pressa). Porque crescer também é isto: envolver-nos, arriscar e não ter medo de dizer ‘estou aqui, quero participar.’*

As palavras de Joana, mais do que um relato pessoal, são um espelho de tudo o que o Parlamento dos Jovens representa: uma escola de cidadania ativa, onde a política deixa de ser “coisa de adultos” e passa a ser, com toda a legitimidade,



*Dra. Julieta Sampaio, ex-deputada e fundadora do projeto "Parlamento dos Jovens"*

uma missão dos jovens. Mas mais do que os temas em si, foi o envolvimento com que foram tratados que impressionou. Os discursos, longe do cliché ou da superficialidade, foram marcados por conhecimento, empatia e sentido de responsabilidade.

Não poderei deixar de citar, também o testemunho do deputado Luciano Sonsino: “*Participar na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens 2025 foi, sem dúvida, uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida escolar. Como aluno da área de Ciências, confesso que inicialmente tinha dúvidas sobre como poderia contribuir num espaço tradicionalmente ligado às Ciências Sociais. Mas bastaram alguns minutos naquela sala para perceber que o Parlamento dos Jovens é, acima de tudo, um exercício de cidadania ativa*

*— algo que transcende qualquer área de estudo. Durante os debates, senti que todos tinham voz. Tivemos a oportunidade de apresentar ideias, argumentar com colegas de diferentes zonas do país e compreender melhor os desafios que todos enfrentamos, como jovens. Aprendi a valorizar diferentes pontos de vista e percebi como as decisões políticas influenciam diretamente o nosso futuro, seja na educação, na investigação científica, ou nas questões ambientais que tanto nos preocupam. Esta experiência mostrou-me que ser aluno de Ciências não nos impede de sermos cidadãos conscientes e participativos. Pelo contrário, trouxe ao debate uma visão crítica e fundamentada, que se revelou essencial na construção de propostas sólidas e inovadoras. Levo comigo não só as memórias de dois dias intensos de trabalho colaborativo, mas também uma maior consciência sobre o papel que todos podemos desempenhar na construção de uma sociedade mais justa e informada. O Parlamento dos Jovens não é apenas para quem “gosta de política” — é para todos os que acreditam no poder da voz coletiva.”*

As palavras do Luciano mostram que projeto Parlamento dos Jovens não foi/é uma simulação inocente ou apenas um exercício escolar. Foi uma aproximação realista à complexidade da democracia. E foi, acima de tudo, uma experiência transformadora — como muitas escolas e professores fizeram questão de sublinhar — que se refletirá nas atitudes cívicas dos alunos por muitos anos.

O Parlamento dos Jovens consegue aquilo que muitos manuais escolares não conseguem: fazer sentir a política como algo vivo, pulsante, ao alcance de todos.

Mais do que formar futuros políticos, este programa forma cidadãos atentos, conscientes e preparados para tomar parte nas decisões coletivas, seja através do voto, do debate ou da ação comunitária. E é neste ponto que reside a sua maior virtude.

Platão escreveu que "o castigo por não participares na política é acabares por ser governado por quem é inferior a ti". Esta frase, escrita há mais de dois mil anos, permanece desconcertadamente atual.

Participar na vida política — seja como eleitor, ativista, representante ou simples cidadão atento — é muito mais do que um direito: é uma responsabilidade ética. É na sequência desta ideia, não poderia deixar de citar o excerto do discurso que o secretário da mesa nacional –

Afonso Ferreira- leu na reta final do encerramento da sessão Nacional “*E por falar em democracia permitam-me que vos diga:*

*Há 51 anos um homem sonhava com a Democracia.*

*Há 115 anos havia homens que sonhavam com a República.*

*Há 99 anos havia militares que queriam a Ditadura.*

*O Estado Novo prendia e matava quem pensava diferente, censurava a arte e a cultura: tudo, nada contra o regime, assassinava os nossos irmãos em África enquanto as mães e as esposas choravam em Portugal, a morte dos seus filhos e maridos mortos pela Guerra, em favor da ordem e da Nação diziam eles, e perseguia quem fosse opositor. O que seria de Portugal se não houvessem “Salgueiros Maia”*

*A monarquia, prestes a cair, asfixiava tudo o que era pensamentos republicanos, corrompia as contas públicas e perseguia quem fosse opositor. O que seria Portugal se não houvessem “Afonso Costas”*

*Perante isto, apenas um sonho foi tido em liberdade: o da ditadura.*

*Por isso, não duvidem quando ouvem por aí que a ditadura e o totalitarismo podem assombrar novamente Portugal. Porque o erro, e citando Saramago é quando dormimos quando deveríamos vigiar, vamos quando deveríamos vir, fechamos a janela quando a devíamos ter aberta. Nesta legislatura, apelo a todos os Srs deputados, ao Sr primeiro-ministro e ao Governo que unam esforços, que se ouçam, que dialoguem, que coloquem, de uma vez, as ideologias e o orgulho de lado, por um bem maior, que é essa nação que todos amamos.*

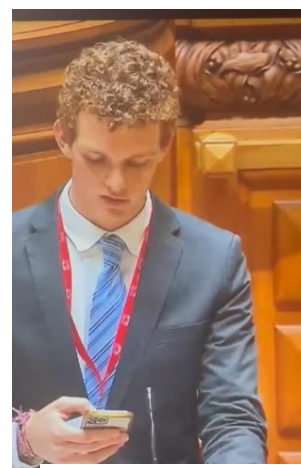
*Perante este novo recomeço, a minha esperança renova-se de que esta instituição sairá dignificada, e que o povo português será respeitado. Pois posso ter perdido a confiança em muitos políticos, mas jamais perderei a esperança em Portugal.”*

O Parlamento dos Jovens 2024/25 mostrou que há uma geração que se recusa a ficar calada: quer saber, quer questionar, quer propor. Uma geração que entende que a política começa no gesto mais simples: querer participar.

Desligar da política é abdicar do poder que temos enquanto cidadãos. É deixar que outros decidam por nós. É, em última análise, ceder à indiferença e à apatia — dois venenos lentos da democracia.



As "amizades" (parte)-  
círculo eleitoral de  
Setúbal.



Discursando: Afonso  
Ferreira

E se a democracia é, como afirmou Lincoln, *o governo do povo, pelo povo e para o povo*, então que nunca nos esqueçamos: esse povo também tem 15, 16 ou 17 anos, e já está a fazer-se ouvir.

Luís Pedro Redondo,  
Escola Secundaria dr. José Afonso, Seixal

